



UMA REFLEXÃO DE ALUNOS DE GRADUAÇÃO DA IMPORTÂNCIA DO TRABALHO DE CAMPO NA FORMAÇÃO DO GEÓGRAFO

A REFLECTION OF UNDERGRADUATE STUDENTS ON THE IMPORTANCE OF FIELD WORK IN GEOGRAPHER EDUCATION

Victoria Karen Morais Diniz; Andressa Da Luz Silva; Alana Carvalho dos Santos; Gustavo Rodrigues do Nascimento; Vanessa da Silva Costa; Victória de Oliveira Palhares Palhares; Weslley Souto Silva; Anna Clara Andrade Ramos; Ediany Aquino dos Santos – UFNT – Araguaína – Tocantins - Brasil

Eliseu Pereira de Brito – UFNT – Araguaína – Tocantins - Brasil

eliseubrito@uft.edu.br

RESUMO

Este ensaio discute a importância do trabalho de campo para a formação de professores em Geografia. Trata-se de uma atividade desenvolvida como parte da formação em geografia com alunos de graduação da Universidade Federal do Norte do Tocantins. O foco principal foi um estudo regional e buscou no arcabouço de conhecimento da Geografia da Amazônia, criar debates sobre a principal cidade regional da Amazônia, Belém, observando o funcionamento os lugares como de vivência e de percepção e como centralidade principal da dinâmica econômica da Amazônia. Não se trata de uma análise na geografia de Belém, apenas da importância do campo na formação do geógrafo. Um modo de fazer o estudo foi por meio de uma atividade de campo programada para quatro dias. O principal método aplicado foi a observação guiada em museu, igreja e centro-histórico, sempre buscando afastar o campo de um passeio, aplicando de forma conceitual elementos da geografia para observação dos monumentos, obras do conjunto material e imaterial. Também aplicamos em campo a construção da noção de lugar, entre cheiro, cores, caos e organização, atividades desenvolvidas no mercado Ver-o-Peso. O que está retratado neste ensaio é uma reflexão da experiência em campo pelos alunos.

Palavras-chave: Lugares; Amazônia; Gentes; Trabalho de campo

ABSTRACT

This essay discusses the importance of field work for the formation of teachers in Geography. This is an activity developed as part of the training in geography with undergraduate students at the Federal University of Northern Tocantins. The main focus was a regional study and sought in the knowledge framework of the Geography of the Amazon, to create debates about the main regional city of the Amazon, Belém, observing the functioning of the places

as a place of experience and perception and as the main centrality of the economic dynamics of the Amazon. This is not an analysis of the geography of Belém, just the importance of the field in the formation of the geographer. One way to carry out the study was through a field activity scheduled for four days. The main method applied was guided observation in museums, churches and historical centres, always seeking to distance the field from a tour, conceptually applying elements of geography for the observation of monuments, material and immaterial works. We also applied in the field the construction of the notion of place, between smell, colors, chaos and organization, activities developed in the Ver-o-Peso market. What is portrayed in this essay is a reflection of the students' field experience.

Keywords: Places; Amazon; People; Fieldwork.

INTRODUÇÃO

Partimos do princípio que a viagem a campo teve como foco a construção de um olhar geográfico para além da sala de aula em lugares da memória, como museus e em lugares do agora, como no mercado Ver-o-Peso. Para construir o roteiro de campo na cidade de Belém (PA) elegeram-se explorar e valorizar os pontos estratégicos da vida e história amazônica em lugares mais significativos da cidade, proporcionando uma experiência enriquecedora e imersiva na cultura e história regional. Ao visitar museus, locais emblemáticos e mercados tradicionais, buscou-se promover a compreensão da identidade belenense, sua diversidade cultural e sua importância como patrimônio cultural da Amazônia.

A cidade de Belém é conhecida como a "Cidade das Mangueiras" e "Porta de Entrada da Amazônia", é uma cidade que combina tradições indígenas, herança colonial portuguesa e influências afro-brasileiras. Essa diversidade cultural se reflete em alguns lugares selecionados que passam pela velocidade da vida econômica da metrópole e se entremeiam na vida noturna, embalada nos tecnobregas e na culinária com a sua diversidade de sabores.

Para dar conta da proposta selecionada, aplicamos um roteiro de campo que se iniciou no Museu Paraense Emílio Goeldi. O museu é uma instituição científica renomada que se dedica à pesquisa e à preservação da biodiversidade Amazônica, bem como à divulgação da cultura indígena. Por meio de exposições, palestras e atividades interativas,

os participantes tiveram a oportunidade de mergulhar nas riquezas naturais e culturais da Amazônia.

Figura 1 – A) Vista do Pátio do Forte do Presépio representado com canhões. B) Utensílios em cerâmicas e porcelanatos.



Fotos: os autores, maio de 2023.

Completando os estudos da paisagem amazônica, o Museu de Gemas do Pará nos apresentou como um ponto estratégico. Este museu é dedicado à riqueza mineral do Pará, apresentando uma variedade de gemas e minerais encontrados na região da Amazônia Oriental. Pode-se conhecer a história da mineração, observar pedras preciosas e semipreciosas e aprender sobre os processos de extração e lapidação das gemas. Partindo para outra concepção de percurso e buscando entender a formação do território amazônico, buscou-se o Museu do Forte do Presépio. Localizado na Cidade Velha, é um marco na história amazônica que remonta à época colonial. Os participantes puderam explorar as exposições que retratam o período antes da colonização e posterior a colonização portuguesa, forte criado por Portugal que objetivou a defesa da cidade e a uma aproximação com os povos indígenas.

Mas, a religiosidade nos pareceu algo muito forte na identidade da cidade e focamos percorrer a trajetória destes discursos por meio das igrejas e artes sacras, tendo como referência o Museu do Círio. Este é dedicado à maior manifestação religiosa de Belém, o Círio de Nazaré. Ali foi possível ter uma dimensão da importância da religião na história regional e a devoção por trás dessa festa, explorar exposições com objetos religiosos, fotos e trajes utilizados na procissão, e compreender a importância cultural e religiosa desse evento.

Figura 2 – A) Réplica da berlinda de Nossa Senhora de Nazaré B) Demonstração das fitas do Círio C) Réplica de Nossa Senhora de Nazaré D) Corda do Círio



Fotos: os autores, maio de 2023.

No anexo do Museu de Arte Sacra, antigo Palácio Episcopal, abriga uma coleção de obras de arte sacra que refletem a religiosidade e a influência cultural na região

Amazônica. As esculturas, pinturas e artefatos religiosos retratam a história e a devoção religiosa local nos instigando a pensar o papel das missões católicas na Amazônia e o sentido do papel destas na evangelização dos povos amazônidas.

A identidade também se manifestou no modo de se alimentar e na culinária da cidade com temperos e preparos amazônicos bem ressaltados, indicando que há uma duração dos eventos e costumes como o de tomar açaí puro extraído na hora durante o dia por uma despulpadora, substituindo em certo cenários observados a refeição com arroz e feijão. Diferencia de lugares como no Tocantins que o açaí é uma prática alimentar de lazer com guloseimas, batido com açúcar e servido gelado nas açaiterias da cidade, não substituindo a alimentação principal.

O Mercado Ver-o-Peso é um dos maiores mercados a céu aberto da América Latina, é um ponto de encontro de sabores, cheiros e cores da cultura paraense, desde frutas exóticas, ervas medicinais, peixes frescos e artesanatos locais, além de ofertar uma culinária regional. Os espaços são um caos e seu funcionamento se dá nesse encontro de pescadores e comerciantes que ainda reflete o apogeu dos tempos dos mercados de velas e do porto de grande movimento. A Estação das Docas, um porto de embarque e desembarque de embarcações que transportavam passageiros na Amazônia, passa atualmente para ser transporte de *commodities*, principalmente de grãos produzidos nas bacias dos rios Guamá, Araguaia-Tocantins e Xingu.

POR UMA IMERSÃO NOS LUGARES

A andança no centro histórico de Belém na área chamada de “Cidade Velha¹” onde a ocupação começou, proporcionou uma experiência em conhecimentos e no aprofundamento do debate da formação territorial da Amazônia, além de experienciar a evolução do homem na região por meio de uma realidade enfrentada por povos denominados de caboclos. Fica a reflexão pelos olhares de cada detalhe na parede de uma construção, nas obras de infraestrutura, a sensibilidade de perceber o grau de

¹ O que chamamos de “Cidade Velha” é preservado conforme a população nos falava em campo.

desumanidade nos parecia muito real, os marcos que ela nos trouxe, como também as trajetórias e culturas dos povos desta região, entre outros sentimentos despertados.

Primeiro, a cultura do povo indígena manifestada na religião, medicina e costumes com métodos e crenças distintas, representadas por um conjunto de artefatos desde que detalha um pouco o cotidiano. A capacidade do conhecimento sobre a medicina, quando fabricaram de barro vasilhas próprias para guardar e preparar remédios, das técnicas de sobrevivência, a inteligência de uma civilização gravada em pinturas e esculturas, o símbolo de sua “tribo”, do seu povo e dos territórios. Há uma demonstração que na colonização, a maioria foram dizimados, escravizados e afastados do território em que viviam com sua família.

Figura 3 – A) Mostruário de taças que eram usadas na igreja. B) Santos no museu de arte sacra.



Fotos: os autores, maio de 2023.

Além dos mais, pode-se afirmar que são lugares simbólicos cuja a concepção é mudada e permite um contraponto ao passado, ao menos tentam transmitir a grandiosidade dos acontecidos como a romaria realizada todo ano, com o trajeto definido na Cidade Velha em direção a Igreja de Nossa Senhora de Nazaré. No Museu do Círio, é guardado os feitos realizados para esse evento, cada pedido, milagres, molduras de cera

contendo cada desejo e imagem, alguns um tanto inusitados. Mas, ao ver todos os milagres e a devoção dos que creem na Santa, todo sofrimento e a beleza desse amor e temor nos causam fortes emoções. Percebe-se também que há um usufruto da festa religiosa aproveitando o eventismo para gerar renda por meio do turismo religioso que atrai pessoas de outros lugares, tornando-se para alguns artesãos a única fonte de renda. Outro exemplo de uma cultura e religiosidade refletidas na região amazônica, são as pinturas, artefatos e esculturas existentes no Museu de Arte Sacra e Igreja Santo Alexandre, construída pelos indígenas com duração de aproximados 50 anos, foi feita a base de argila, areia e gordura de peixe (entre outros materiais) e esculpida em madeiras revertidas em detalhes, alguns de ouro.

De o ponto da cidade, visitamos o Museu Emílio Goeldi, sem dúvidas, umas das mais especiais, incentivadas pela preservação da biodiversidade amazônica, por termos a proximidade com plantas típicas da floresta Amazônica e do Cerrado, embora todo o ambiente é planejado, abriga uma fauna e flora linda, com direito a pequenas catitas soltas pelo parque, macacos agitados e ararinhas (nas gaiolas), principalmente a Azul, uma onça pintada que era maravilhosa, louca por uma “deliciosa” catita correndo se exibindo. Alguns flamingos, papagaios e tucanos e um espaço para exposições aquáticas dos peixes típicos dos rios da Amazônia; outro espaço para exibição de fósseis de plantas e animais encontrados em solos paraense e brasileiro desde a era paleozóica e de artefatos históricos indígenas.

A visita ao museu nos trouxe novos olhares para a fauna e a flora e um apreço para zelar delas. A coleção seriada memórias do museu paraense nos estudos taxonômicos sobre aranhas e vermes, descrição de peixes, macacos, aves e insetos existentes no lugar e os estudos biológicos, sendo um dos que mais chamou atenção podendo compreender cada passo onde passamos, as árvores enormes, enfim uma experiência incrível.

Figura 4 – A) uma planta de igapó conhecida como Vitória Régia. B) Uma raiz pivotante de feições Sapopemba típica das árvores da floresta Amazônica.



Fotos: os autores (maio de 2023)

Deixando por último, a experiência que alguns se deram a oportunidade de passar, induzida principalmente pelo ato de se viver o lugar com seus cheiros, gosto e cores foi praticado no mercado de peixes. O Mercado Ver-o-Peso é o ponto comercial de Belém com muitas iguarias de produtos, encontro de sabores, cheiros e cores da cultura paraense, podendo ver-se de tudo, até uma roda de carimbó ao experimentar um açaí com peixe no almoço. Ou pode ser apenas o açaí puro sem acompanhamento para aqueles que não gostam de peixe.

Mas, não é apenas um ambiente de cheiro de ervas e temperos que se misturam na baía do Guajará, o porto tem o mercado de peixe e neste ambiente se trata e comercializa o peixe. Devido às sobras de fissuras dos peixes há uma aglomeração de urubus e garças no local e um cheiro não agradável. Uma das piores experiências, no entanto, necessária pois não se recorda os lugares apenas pelos cheiros agradáveis, os desagradáveis também são necessários, até porque ao passar por dentro do abatedouro de pescados, o cheiro é insuportável e alucinante de horrível! O que compensa depois é o carisma dos vendedores e a bela vista ao se direcionar para a Estação das Docas, encontrando mais da gastronomia e da cultura. Isso mostra que os lugares são lembrados pelos seus cheiros e esta é uma importante ferramenta de aprendizado no campo ao criar a-versões sobre o outro, seja de ordenamento ou total caos.

Figura 5 - A) Estação Docas do Pará. B) Porto do Conde com vista a atracação de embarcações



Foto: os autores, 2023

De fato, no campo se complementa o ensino em sala nos livros e artigos, o aluno passa a fazer a geografia com direcionamento e métodos em uma realidade complexa de histórias de um passado e de um presente que dimensiona os novos arranjos territoriais da Amazônia. Se percebeu que ao estar num local histórico, a “conversa” muda, há uma visão e conhecimento ampliado, tem-se a percepção de detalhes que não se encontram tão facilmente e a oportunidade de pisar, estar por perto de um lugar que fez toda diferença nos dias de hoje é um aprendizado importante.

DESFECHO FINAL

O que se propôs com este ensaio não foi construir uma análise da geografia da cidade de Belém ou mesmo de construir uma geografia da Amazônia, mas de trazer elementos da importância do trabalho de campo como ferramenta de aprendizado para alunos em formação em Geografia. A própria construção da geografia brasileira, principalmente dos geógrafos da “Geografia Regional” como Orlando Valverde, Aziz Nacib A’Sáber, Bertha K. Becker, Manuel Correia de Andrade e tantos outros, as pesquisas de campo têm destaque importante na construção do conhecimento e descrições das paisagens e lugares.

A prática deste campo foi uma interação da disciplina de Geografia da Amazônia entre a sala de aula com debates das paisagens e dos territórios e o trabalho de campo, proporcionando vivenciar o debate construído em sala a fim de criar elementos novos pelos olhares em campo. Escolheu-se a cidade de Belém devido ao seu papel de centro mais importante da economia regional.

Apesar da facilidade que hoje é proporcionada pelo Street View em visitar os lugares por meio da imagem de satélite, o ir até os lugares fazem toda a diferença, pois este não é apenas visual, são cheiros, gostos, são histórias faladas e movimentos. Neste sentido ressaltamos que o campo é imprescindível na formação dos futuros geógrafos e geógrafas.

REFERÊNCIA

LACOSTE, Yves. A pesquisa e o trabalho de campo: um problema político para os pesquisadores, estudantes e cidadãos. **Boletim Paulista de Geografia**, São Paulo, no 84, p. 07-24, 2006.

MARCO, Valéria de. Trabalho de campo em Geografia: reflexões sobre uma experiência de pesquisa participante. **Boletim Paulista de Geografia**, São Paulo, no 84, p. 105-136, 2006.

SERPA, Ângelo. Trabalho de campo em Geografia: uma abordagem teórico-metodológica. **Boletim Paulista de Geografia**, São Paulo, no 84, p. 07-24, 2006.

PENTEADO, Antonio Rocha. **Belém: (estudo de geografia urbana)**. Belém: UFPA, 1968. 2 v. (Coleção amazônica. Série José Veríssimo). Disponível em: <http://livroaberto.ufpa.br/jspui/handle/prefix/43>. Acesso em: 01 maio de 2023.

Victoria Karen Morais Diniz – Graduanda em Geografia pela Universidade Federal do Norte do Tocantins

Andressa Da Luz Silva - Graduanda em Geografia (LICENCIATURA) pela Universidade Federal do Norte Tocantins- UFNT, atua como monitora no Programa Alvorecer pela mesma instituição. Aluna bolsista no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), com a temática: "Jogos digitais como ferramentas lúdicas de ensino e pesquisa na formação de professores de geografia."

Alana Carvalho dos Santos – Graduanda em Geografia pela Universidade Federal do Norte do Tocantins.

Gustavo Rodrigues do Nascimento – Graduanda em Geografia pela Universidade Federal do Norte do Tocantins.

Vanessa da Silva Costa – Graduanda em Geografia pela Universidade Federal do Norte do Tocantins

Victória de Oliveira Palhares Palhares – Graduanda em Geografia pela Universidade Federal do Norte do Tocantins

Weslley Souto Silva – Graduanda em Geografia pela Universidade Federal do Norte do Tocantins

Anna Clara Andrade Ramos – Graduanda em Geografia pela Universidade Federal do Norte do Tocantins

Ediany Aquino dos Santos – Graduanda em Geografia pela Universidade Federal do Norte do Tocantins

Eliseu Pereira de Brito - Possui Bacharelado e Licenciatura em Geografia pela Universidade Federal do Tocantins. É mestre em Geografia pela Universidade Federal da Grande Dourados. Doutor em Geografia pela Universidade Federal de Goiás. Líder do Grupo de Pesquisa GEGATO - Grupo de Estudos Geográficos da Amazônia e Tocantins e Pesquisador do Núcleo de Estudos Urbanos, Agrários e Regionais - NURBA/UFT. Pesquisador Externo do LABOTER/UFG. Desenvolve pesquisa sobre "Território e territorialidades das comunidades ribeirinhas na Amazônia Legal - Tocantins" e sobre "Identidades Territoriais e Lugares tocantinenses. Desenvolve leituras no Grupo de Estudo sobre os "lugares" em Jöel Bonnemaison". Atualmente é Professor Adjunto do Curso de Geografia da Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT). Professor do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu, Mestrado em Geografia UFT - Porto Nacional. Editor da Revista Tocantinense de Geografia.

Recebido para publicação em 25 de junho de 2023.

Aceito para publicação em 03 de julho de 2023.

Publicado em 10 de julho de 2023.